

DIÁLOGO ECUMÊNICO: A SAGRADA ESCRITURA JUDAICO-CRISTÃ COMO BASE PARA UNIDADE

ECUMENICAL DIALOGUE: THE HOLY JEWISH-CHRISTIAN SCRIPTURE AS A BASIS FOR UNITY

**Eunildo Pereira da Silva Filho¹
Kelly Thaisy Lopes Nascimento²**

RESUMO

Em nossos dias tem se tornado “gritante” o escândalo provocado pela divisão existente entre as denominações religiosas que se assumem pertencentes ao grupo daqueles que são chamados por Jesus. Em meio a tantas divisões surge a pergunta: Cristo está igualmente dividido? É preciso escutar a voz do Senhor que ecoa da Sagrada Escritura em forma de prece: “Para que todos sejam um, com tu, Pai, em mim e eu em Ti, para que sejam um em nós (...)” (Bíblia, João 17,21). Para uma melhor compreensão da temática sobre o Diálogo Ecumênico, se faz necessário a definição de alguns termos que nos ajude a uma reflexão clara sobre o mesmo. Entre tantas definições que se possa dar ao que é o diálogo, existe um ponto unânime em comum: o diálogo como interação entre pessoas. O Concílio Vaticano II mostra claramente a mudança no pensamento da Igreja Católica que se refletiu em uma atitude de aproximação, pois é um dos objetivos do Concílio, promover a unidade dos cristãos. Nesta mesma perspectiva, o presente artigo sugere que o resgate de uma exegese bíblica séria, pode por sua vez se tornar um ponto de partida na busca da reconciliação, reparando a unidade entre os cristãos. Assim, a Sagrada Escritura, ponto em comum entre as igrejas cristãs, é um instrumento eficaz para realização de tamanha tarefa.

Palavras-chave: Diálogo, Ecumenismo, Sagrada Escritura, Exegese.

ABSTRACT

Nowadays the scandal caused by the division between religious denominations assumed to belong to the group of those who have received Jesus calling has become “starking”. Among so many divisions, one question arises: Is Christ also divided? You need to hear the Lord's voice that echoes on Sacred Scripture in the form of a prayer: " May they all be one with you, Father , are in Me and I in You, that they may be one in us (...) " (John 17:21) . For a better understanding of the theme of the Ecumenical Dialogue, it is necessary to define some terms that will help us clearly reflect on it. Among the many definitions that can be given about what is the dialog, there is a unanimous common point: the dialogue as an interaction between people. The Second Vatican Council clearly shows the change in the thinking of the Catholic Church, which was reflected in an approximation; it is one of the objectives of the Council to promote Christian unity. In this same perspective, this article suggests that the rescue of a serious biblical exegesis can in turn become a starting point in the search for reconciliation, noting the unity among Christians, so the Holy Scripture, along with Christian churches, may be an efficient instrument for performing such a task.

¹ Graduando em Teologia no Seminário Arquidiocesano da Paraíba Imaculada Conceição – SAPIC

² Professora na disciplina Eclesiologia IV – Ecumenismo no SAPIC. Mestre em Ciências das Religiões - UFPB

Keywords: Dialogue, Ecumenism, Sacred Scripture, Exegesis.

INTRODUÇÃO

O desejo por um ecumenismo eficaz em nossos dias tem se tornado “gritante” frente ao escândalo provocado pela divisão existente entre as denominações religiosas que se assumem pertencentes ao grupo daqueles que são chamados por Jesus a continuar sua missão no mundo: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” (Bíblia, Mc 16, 15).

Surgem então vários questionamentos: “Tenho que suprimir o direito do outro em suas crenças em nome da verdade que acredito?”, “Posso me colocar de forma impositiva à verdade que confesso?”, “Frente a não aceitação da verdade que anuncio, o outro precisa ser merecedor de rejeição ou desprezo por todos aqueles que comungam com minha religião?”; ou até mesmo haver situações de extremismo: “Posso tirar a vida de alguém que vejo como uma ameaça à verdade que confesso na religião que participo?”. Estas questões colocam à prova a fé professada pelos membros de diversas religiões.

Em meio a tantas divisões surge a pergunta: Cristo está igualmente dividido? É preciso escutar a voz do Senhor que ecoa da Sagrada Escritura em forma de prece, mas que exige a busca pela unidade de cada um que o declara como seu Senhor e Salvador. “Para que todos sejam um, com tu, Pai, em mim e eu em Ti, para que sejam um em nós (...)” (Bíblia, João 17,21). Vários esforços têm sido realizados para responder a este apelo divino, infelizmente estes têm se chocado no desejo que as igrejas buscam de autoafirmação de suas crenças.

Observando a história da Igreja em suas principais rupturas, como o Cisma do Oriente, o Grande Cisma do Ocidente e a Reforma Protestante, percebe-se que eles foram desencadeados por embates nas esferas teológicas, sociais e políticas fomentados por interesses de grupos particulares. Quando isto acontece, o diálogo se torna limitado e imaturo, tendo como consequência as rupturas anteriormente expostas.

No contexto atual, contamos com uma Teologia mais elaborada, com o avanço científico e com uma capacidade de raciocínio voltada para o bem comum, que pode auxiliar no resgate de uma exegese bíblica séria de contextos e textos tornando esta, por sua vez, um ponto de partida na busca da reconciliação, reparando a unidade a partir da sentença “devemos olhar primeiro para aquilo que nos une e não para o que nos divide”, esta é a proposta deste artigo, que tem como objetivo apontar a existência da possibilidade ao diálogo ecumênico.

Diálogo

Para uma melhor compreensão da temática sobre o Diálogo Ecumênico, se faz necessária a definição de alguns termos que nos ajudem numa reflexão clara sobre o mesmo. No tocante à capacidade humana do diálogo, pode-se pensar a partir da tradição cristã, que é um dom presente em todos os momentos e que ajuda a expressar, seja no individual ou no coletivo, o motivo de nossa existência. “Como toda capacidade humana pode ser bem ou mal desenvolvida, esta dupla realidade exige de nós que busquemos saber o que venha a ser para termos a possibilidade de atingir a maturidade no diálogo” (CÁRDIAS, 2012). “Sócrates foi considerado o mestre do diálogo ao pontuar que filosofar não pode se constituir em atos isolados, mas exige sempre a presença de pessoas interagindo entre si” (CÁRDIAS, 2012).

Sendo assim, o isolar-se é uma das ações que impossibilita o diálogo, porque rompe com a interação, atitude necessária para o mesmo existir. Todo diálogo imaturo provoca falhas na comunicação, gerando “ruídos” que atrapalham o entendimento, consequentemente havendo o distanciamento dos sujeitos do diálogo.

Segundo Neves (2012) o diálogo é uma passagem, um movimento de interação entre duas ou mais pessoas, ou seja, um intercâmbio, uma troca de ideias ou informações entre pessoas. Neste mesmo pensamento Mariotti (2001), define diálogo com uma metodologia de conversação que se desenvolve a partir da reflexão e observação conjunta das experiências daqueles que o compõem e que visa o compartilhamento de significados podendo fazer surgir novas ideias.

Entre tantas definições que se possa dar ao que é o diálogo, existe um ponto unânime em comum, o diálogo como interação entre pessoas. Assim, podemos refletir o diálogo como atitude de encontro, mas que ultrapassa o simples ato de estar fisicamente ao lado do outro; este encontro deve ser fruto de uma disposição interna de acolher o outro e também de se doar. (MARIOTTI, 2001).

Entre as definições fora da esfera religiosa, que também podem contribuir para nossa reflexão observamos a de Paulo Freire, que nos diz:

“E que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só com o diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação. O diálogo é, portanto, o indispensável caminho, não somente nas questões vitais para a nossa ordenação política, mas em todos os sentidos do nosso ser. Somente pela virtual da crença, contudo, tem o diálogo estímulo e significação: pela crença no homem e nas suas possibilidades, pela crença de que somente chego a ser eles mesmos” (FREIRE, 2007, p.115-116).

Partindo desta definição sobre o diálogo, fica claro que este precisa ser norteado por um clima de respeito e fraternidade, para que se alcance maturidade produzindo os frutos de entendimento e reconciliação. Tendo aqui exposto o diálogo dentro do processo de interação social, continuaremos nosso estudo dentro da vivência do movimento Ecumênico.

Diálogo Ecumênico

A trajetória histórica do cristianismo foi composta por pessoas que procuravam testemunhar sua fidelidade ao chamado de Deus; no entanto, eram pecadoras, possuidoras de falhas e limites, que acarretaram erros, provocando divisões e tensões de difícil reconciliação e atingindo, com suas consequências, o Cristianismo.

O resultado destas consequências são as diferentes compreensões da fé no que diz respeito à unidade da Igreja, aos sacramentos, à interpretação dos textos sagrados; realidade que contradiz com a confissão de fé daqueles que senguem a Cristo, mas que ao mesmo tempo deve provocar em nós uma busca pela comunhão e unidade, resguardando o testemunho da mensagem salvífica do Evangelho, ou seja, a necessidade de uma atitude ecumênica.

Na busca desta unidade observa-se ao longo da história, acontecimentos tais como, a Conferência Missionária Mundial, o Conselho Mundial das Igrejas, o Concílio

Ecumênico Vaticano II, entre outros momentos e movimentos, que contribuíram para o surgimento do que chamamos de movimento Ecumênico.

A Sagrada Escritura, em Efésios capítulo 4, dos versículos de 3 a 6 afirma-nos:

“(…) manter a unidade do Espírito, mediante o vínculo da paz. Há um só Corpo e um só Espírito, assim como a vossa vocação vos chamou a uma só esperança; um só Senhor, uma só fé, um só baptismo; um só Deus e Pai de todos, que reina sobre todos, age por todos e permanece em todos”. (Bíblia, Efe 4,3-6)

O texto sagrado apresenta o “vínculo da paz” como a disposição interna que se deve ter para buscar e sustentar a unidade. Nessa perspectiva, o diálogo ecumênico visa a unidade dos cristãos e exige dos que o promovem terem como intenção e princípio a paz como norteadora de todo o processo do diálogo. Neste sentido o decreto conciliar *Unitatis Redintegratio* expressa claramente a disposição da Igreja Católica na busca deste diálogo.

“(…) Comunidades não pequenas separaram-se da plena comunhão da Igreja católica, algumas vezes não sem culpa dos homens dum e doutro lado. Aqueles, porém, que agora nascem em tais comunidades e são instruídos na fé de Cristo, não podem ser acusados do pecado de separação, e a Igreja católica os abraça com fraterna reverência e amor(…)” (*Unitatis Redintegratio*, parágrafo 3).

O decreto *Unitatis Redintegratio* (UR) esclarece-nos a postura que os católicos devem assumir frente ao desafio do diálogo ecumênico nos dias atuais. Postura que não pode ser a mesma de quando os acontecimentos provocadores de tais separações aconteceram em virtude da mudança de época, do desenvolvimento do estudo teológico e até mesmo da forma do pensar do homem sobre si mesmo, ou seja, para que o diálogo aconteça e produza frutos de crescimento e amadurecimento correspondendo o pedido de Nosso Senhor Jesus: “que todos sejam um” é preciso estar aberto à mudança na práxis, o mesmo decreto afirma em seu parágrafo sétimo: “Não há verdadeiro ecumenismo sem conversão interior”. (UR, 1964)

O Concílio Vaticano II mostra claramente a mudança no pensamento da Igreja Católica que se refletiu em uma atitude de aproximação, permitindo-se ser conhecida e conhecer o outro, como é um dos objetivos do Concílio promover a unidade dos cristãos.

Como afirmou o papa Bento XVI em seu primeiro discurso de 20 de abril de 2005 aos cardeais eleitores: “São necessários gestos concretos que entrem nos corações e despertem as consciências, enternecendo cada um àquela conversão interior que é o pressuposto de qualquer progresso pelo caminho do ecumenismo”.

Na Declaração *Dominus Iesus*, o Papa Emérito Bento XVI - na época Cardeal Joseph Ratzinger (2010) - afirma que a Igreja Católica não rejeita nada daquilo que existe de “verdadeiro e santo” nas outras denominações religiosas e que mesmo discordando em alguns pontos no tocante do ensino ou doutrina, estas refletem o “raio daquela Verdade que ilumina todos os homens”, por isso o diálogo ecumênico e inter-religioso faz parte da missão evangelizadora da Igreja e precisa ser um ato de recíproco conhecimento em vista do enriquecimento mútuo que busca garantir a verdade respeitando a liberdade (*Verbum Domini*, 2010).

Porém, é preciso ficar claro que promover o diálogo ecumênico não significa negar sua identidade, sua essência ou sua fé, mas a vivência autêntica da fé professada, ou seja, o testemunho de uma conversão interior deve se tornar um facilitador para as práticas necessárias do seu desenvolvimento; também vale salientar que não se forma uma identidade negando a identidade do outro, nem esta deve gerar uniformidade (uma única forma de “ser”), mas deve gerar unidade (inter-relação harmoniosa das diferenças).

Nesta mesma linha São João Paulo II, em sua encíclica *Ut Unum Sint* (1995, parágrafo 9), declara que esta unidade é dom do Espírito Santo dado no batismo, que nos possibilita a comunhão com o Filho e com o Pai, assim a comunhão entre os cristãos deve ser a manifestação concreta da vivência na vida trinitária.

Comenta Soares (2011) que, frente aos desafios sociais onde as igrejas cristãs estão inseridas e que precisam ser uma resposta, o diálogo ecumênico para ajudar nesta tarefa exige destas uma transformação de perspectiva na forma de se colocar no mundo e na relação entre as igrejas.

Para promover esta unidade entre as igrejas cristãs buscam-se posturas, reflexões e práticas como ponto de partida para a vivência da comunhão. Neste sentido Wolff (2011) declara citando o decreto *Unitatis Redintegratio*:

“O ensinamento conciliar incentiva todo tipo de iniciativa que favoreça a unidade, fortalecendo quatro elementos: a) *o ecumenismo como uma atitude*, com um comportamento dialogante frente às diferentes Igrejas, eliminando palavras, juízos e ações que não correspondam à condição dos irmãos separados (UR 4); b) *o diálogo teológico*, para aprofundar a doutrina cristã nas várias confissões, distinguindo o “conteúdo” e as “formas” de explicitação das verdades da fé (UR 9.11), e compreendendo que existe uma “hierarquia das verdades”, que mostra “o diverso nexos com o fundamento da fé cristã” (UR 11); c) *a cooperação prática*, que favorece a corresponsabilidade das Igrejas em iniciativas pastorais concretas (UR 12); d) *o ecumenismo espiritual*, considerando a oração “a alma de todo o movimento ecumênico” (UR 8)

Entre as possíveis atitudes que podem promover o diálogo ecumênico rumo à reconciliação de comunhão, ou seja, a unidade, tornar-se-á como ponto de partida em um aspecto comum a todas as igrejas cristãs a Sagrada Escritura. Partindo do que se tem em comum, assim como os ganhos de uma árvore que saem do mesmo tronco, para entender melhor o que nos faz diferentes e, até onde for possível, apreender com isto.

Sagrada Escritura – ponto de partida

No Evangelho de São João 15, 5, Jesus declara: “*Eu sou a videira e vós, os ramos. Aquele que permanece em mim, como eu nele, esse dá muito fruto; pois sem mim, nada podeis fazer*”, Jesus através desta afirmação apresenta os frutos, ou seja, as obras como sinal de quem está unido a Ele, aqui podemos também observar que a unidade dos cristãos acontece a partir da experiência autêntica com Cristo (a videira), com a Revelação, com o Verbo, pois os ramos estão de certa forma interligados através do tronco, formando assim uma única árvore. Nesta perspectiva, na Declaração *Dominus Iesus*, o Papa Emérito Bento XVI (na época Joseph Ratzinger), escreveu:

“Não há dúvida que as diversas tradições religiosas contêm e oferecem elementos de religiosidade, que procedem de Deus,⁸⁵ e que fazem parte

de « quanto o Espírito opera no coração dos homens e na história dos povos, nas culturas e religiões ».86 Com efeito, algumas orações e ritos das outras religiões podem assumir um papel de preparação ao Evangelho, enquanto ocasiões ou pedagogias que estimulam os corações dos homens a se abrirem à ação de Deus.” (DEC. DOMINUS IESUS, parágrafo 21)

Soares (2011) explica que para se fazer ecumenismo é preciso ter abertura e adesão a um diálogo onde se reconheça a realidade das outras igrejas e o valor que existe naquilo que as difere. Neste sentido é que podemos inferir como ponto de partida para o diálogo ecumênico, as Sagradas Escrituras, como o objeto comum da Revelação entre as igrejas cristãs.

Como são esclarecedoras a esse respeito, as palavras do Concílio Vaticano II em seu Decreto *Unitatis Redintegratio*: “No próprio diálogo [ecumenico], a Sagrada Escritura é um exímio instrumento da poderosa mão de Deus para a consecução daquela unidade que o Salvador oferece a todos os homens” (UR 21).

Nesta mesma linha, a Exortação Apostólica pós-sinodal *Verbum Domine* afirma que sendo Cristo o Verbo de Deus, o fundamento da Igreja destaca a centralidade da exegese bíblica no diálogo ecumênico, pois há na própria Escritura o apelo de Jesus, em João 17 versículo 21 “(...) Que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim, e eu em ti. Que eles estejam em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste (...)” pedido este que fortalece a certeza de que o estudo das Sagradas Escrituras em conjunto com as igrejas cristãs, promove a verdadeira comunhão mesmo que ainda não de forma plena (VD 46).

Para que as escrituras atinjam este fim é preciso, como nos recomenda a *Constituição Dogmática Dei Verbum*:

« é preciso que os exegetas católicos e demais estudiosos da sagrada teologia trabalhem em íntima colaboração de esforços, para que, sob a vigilância do sagrado magistério, lançando mão de meios aptos, estudem e expliquem as divinas letras, de modo que o maior número possível de ministros da Palavra de Deus possa oferecer com fruto ao Povo de Deus o alimento das Escrituras, que ilumine o espírito, robusteça as vontades e inflame os corações dos homens no amor de Deus ». (DV 23, 1965)

Entende-se a partir desta recomendação da *Dei Verbum* que o estudo dos textos sagrados deve ser realizado mediante uma exegese profunda de cunho científico, sem que isto ofusque o sagrado contido no mesmo. Esta nova forma de aprofundamento dos textos bíblicos teve como marco a Carta Encíclica *Divino Afflante Spiritu*, do Papa Pio XII, que encorajou a igreja ao reconhecimento de novas formas literárias e o desenvolvimento de uma nova metodologia exegética. Desta maneira fica claro que para ter a Sagrada Escritura como ponto de partida para o diálogo ecumênico faz-se necessário um empenho sério por parte dos teólogos católicos e protestantes por uma exegese bíblica que seja ferramenta de facilitação na busca por caminhos que levem cada dia mais a unidade aos cristãos.

CONCLUSÃO

O Cristianismo, para mostrar sua autenticidade, é chamado a cada oportunidade que lhe é dada a superar as barreiras e curar as feridas que o dividiram ao longo da história. Todo diálogo é uma interação com um outro diferente de mim, atitude que deve ser norteada pelo desejo de promover a cultura de paz, respondendo ao apelo de Jesus; e exige daqueles que o promovem uma disposição interna de acolhimento e de doação, de aprendizado recíproco e de correção fraterna diante de erros que venham a prejudicar o genuíno anúncio do Evangelho, seja com palavras ou no testemunho.

Todo diálogo torna-se aberto para seu amadurecimento quando iniciado a partir de pontos em comum; assim, a Sagrada Escritura, ponto em comum entre as igrejas cristãs, é instrumento eficaz para realização de tamanha tarefa. Para atingir tal objetivo, o estudo e a interpretação dos textos sagrados devem ser submetidos a um rigoroso método exegético, de forma conjunta, por parte dos teólogos católicos e protestantes.

Por fim observamos, claramente, que uma boa e aprofundada partilha da Sagrada Escritura, no Diálogo Ecumênico, pode diminuir a distância entre as denominações religiosas cristãs, fazendo-as perceber que se tem muito mais coisas em comum e que as diferenças, necessariamente, não seriam causa de separação, mas motivo de enriquecimento com a experiência de fé do outro.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. I. M. V. **Teoria Freiriana**, 2008. Disponível em: www.ice.edu.br/TNX/.../bad879e8d37e495bf4c18d9720689fb2.pdf
- BÍBLIA – **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.
- CÁRDIAS, S. M. **O diálogo como elemento mediador de práticas educativas reflexivas**. Disponível em: <http://www.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/022e4.pdf>
- CARTA ENCÍCLICA UT UN SINT DO SANTO PADRE JOÃO PAULO II. **Sobre Empenho Ecumênico**, Roma, 1995 (Documentos do Vaticano).
- DECLARAÇÃO DOMINUS IESUS, 2000. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20000806_dominus-iesus_po.html
- DECRETO UNITATIS REDINTEGRATIO – **Sobre o Ecumenismo**, 1964. Disponível em: http://www.vatican.va/.../vat-ii_decree_19641121_unitatis-redintegratio_po.ht
- EXORTAÇÃO APOSTÓLICA PÓS-SINODAL. **Verbum Domini** do Santo Padre Bento XVI, Roma, set / 2010, pp.3 –194.
- MARIOTTI, H. **Diálogo: Um método de reflexão conjunta e observação compartilhada da experiência**, 2001. Disponível em <http://www.teoriadacomplexidade.com.br/textos/dialogo/Dialogo-Metodo-de-Reflexao.pdf>
- NEVES, O. **Dicionário de origem das palavras**. Leya, fev /2012.
- SOARES, F.L. O diálogo ecumênico enquanto diálogo com o outro. **Comunicação e Cultura**, nº 11, pp. 65 -77. 2011.
- WOLF, E. O ecumenismo no horizonte do Concílio Vaticano II. **Atualidade Teológica**, ano VX, nº 39, Set a Dez / 2011.